

Morfologia concatenativa e morfologia não concatenativa: do princípio morfológico ao princípio prosódico¹

Concatenative morphology and non-concatenative morphology: from the morphological principle to the prosodic principle

Cleci Regina Bevilacqua*
Fernando Moreno da Silva**

RESUMO

No estudo dos processos de formação de palavras, a morfologia tem papel fundamental, pois nos ajuda a entender os constituintes morfológicos, as partes que formam uma palavra. Ao lado de processos tradicionais, como a composição e a derivação, há processos ditos marginais, que convocam, além dos princípios morfológicos, princípios prosódicos. Os processos tradicionais pertencem à morfologia concatenativa, e os processos marginais, à morfologia não concatenativa. Os não concatenativos redefinem o conceito tradicional de “morfema”, pois há elementos (ditos não morfêmicos) que não atendem às condições de morfema apreoadas pela

Recebido em 6 de julho de 2020.

Aceito em 9 de setembro de 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.18364/rc.v1i60.389>

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cleci.bevilacqua@gmail.com,
orcid.org/0000-0002-1002-9080

**Universidade Estadual do Norte do Paraná, moreno@uenp.edu.br,
orcid.org/0000-0002-9273-9667

1 Este texto apresenta parte de pesquisa de pós-doutorado realizada junto ao PPG-Letras da UFRGS e financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por meio da bolsa de Pós-Doutorado Sênior (Processo 102106/2019-3).

gramática, como significação e recorrência. Para entender a concepção desses novos constituintes morfológicos, objetivamos, neste artigo, mostrar as diferenças entre as morfologias concatenativa e não concatenativa, destacando três processos que se baseiam no princípio morfofonológico: cruzamento vocabular, truncação e siglação.

Palavras-chave: morfologia não concatenativa, morfologia concatenativa, formação de palavras.

ABSTRACT

Morphology is fundamental in the study of word formation processes. It helps us to understand the morphological constituents responsible for word formation. In addition to traditional processes, such as composition and derivation, there are other non-traditional processes, which are based on prosodic principles. Traditional processes belong to concatenative morphology and prosodic processes belong to non-concatenative morphology. Non-traditional processes redefine the traditional concept of “morpheme”, because there are elements (called non-morphemics) that do not satisfy the morpheme conditions defended by grammar, such as meaning and recurrence. In order to understand the conception of these new morphological constituents, in this article, we aim to expose the differences between concatenative and non-concatenative morphologies, using three processes that are based on the morphophonological principle: lexical blend, truncation and acronymization.

Keywords: non-concatenative morphology, concatenative morphology, word formation.

Introdução

Para formação de novas palavras, os processos mais produtivos são a derivação e a composição. Apesar dessa predominância, não são os únicos. Há também “processos marginais” como, por exemplo, cruzamento vocabular, truncação, siglação e reduplicação, que não seguem um princípio puramente morfológico, pautando-se também na prosódia, numa íntima relação entre morfologia e fonologia. Os processos tradicionais que seguem um princípio regular pertencem à morfologia concatenativa. Já os processos que se baseiam em princípios morfofonológicos, à morfologia não concatenativa, pois o encadeamento regular e linear é substituído pela

supressão de segmentos (*motocicleta* > *moto*), pela repetição parcial ou total de sílabas ou palavras (*pega-pega*, *titio*) ou pela sobreposição ou fusão de segmentos (*aranha* + *anzol* > *aranzol*).

A imbricação provocada pela morfologia não concatenativa (morfologia + prosódia) mostra, além da íntima relação existente entre os níveis da linguagem, que o conceito tradicional de morfema² (menor unidade linguística de significação) deve ser revisto, já que há, conforme aponta Gonçalves (2019, p. 62-3), elementos não morfêmicos que não satisfazem às condições da noção de morfema, como conteúdo, recorrência e identificação na estrutura da palavra. A primeira condição (unidades portadoras de significado), por exemplo, não ocorre na vogal (*parisiense*: Paris + i + *-ense*) e na consoante de ligação (*cafeteira*: café + t + *-eira*). A partir das considerações anteriores, redefinimos morfema como qualquer elemento que participa da construção da palavra.

Dada a importância desses processos marginais para entender a concepção de novos constituintes morfológicos, objetivamos, neste artigo, mostrar as diferenças entre as morfologias concatenativa e não concatenativa, dando destaque a três processos de formação de palavra que se baseiam em princípios morfofonológicos: cruzamento vocabular, truncação e siglação.

1. Morfologias concatenativa e não concatenativa

Nos processos de formação de palavras, os recursos mais comuns são a composição e a derivação. Segundo Borba (2003, p. 44), “[...] enquanto a composição associa formas livres [*mestre e sala* > *mestre-sala*, *passa e tempo* > *passatempo*], a derivação associa um radical a uma ou mais formas presas [= os afixos][*favor* > *favorável* > *desfavorável* > *desfavoravelmente*]”. Essas são definições consensuais e tradicionais da literatura morfológica.

2 “Morfemas são as unidades de significação responsáveis pela formação das palavras.” (MESQUITA, 2014, p. 152)

Há, porém, morfemas, como, por exemplo, *log(o)* “palavra, razão, estudo”, que, embora sejam classificados tradicionalmente como radicais (segundo a gramática), são considerados também, pela oscilação posicional, confixos por funcionar ora à esquerda (*lógico, logomania, logaritmo*), ora à direita (*diálogo, psicólogo, biólogo*). Eis um dos motivos do *continuum* composição-derivação, já que, ao lado dos prototípicos, há constituintes de difícil classificação.

Ainda que no português brasileiro a afixação (derivação por afixos) e a composição – mecanismos essencialmente morfológicos – sejam os processos mais comuns de formação de palavras³, não são contudo exclusivos. Além dos princípios morfológicos, outros princípios, como os prosódicos, capitaneiam a criação lexical: são os chamados “processos marginais” (GONÇALVES, 2016b).

Os processos marginais são formações “malcomportadas” (JENSEN, 1991 apud GONÇALVES, 2006, p. 220) porque não seguem um princípio puramente morfológico, pautando-se também na prosódia, numa íntima relação entre morfologia e fonologia:

Princípio morfológico: *ilegal* (i + legal), *mandachuva* (manda + chuva)

Princípio morfofonológico: *apê* (apartamento), *Lu* (Luciana)

Com isso temos, de um lado, a morfologia concatenativa e, de outro, a não concatenativa.

A morfologia concatenativa é regular e linear. Tanto a composição quanto a derivação se realizam pelo encadeamento linear dos morfemas: $X + Y \rightarrow Z$. Concatenar é “[...] ligar(-se), juntar(-se) numa cadeia ou sequência lógica” (HOUAISS, 2009, s.v. *concatenar*). Radicais e afixos são ligados linearmente

3 Rio-Torto (1998, p. 23) e Araújo (2002, p. 79) confirmam isso, respectivamente, no português europeu e no português brasileiro.

uns aos outros, isto é, “[...] um formativo se inicia exatamente no ponto em que outro termina” (GONÇALVES, 2016, p. 67). O encadeamento pode ser:

- a) Encadeamento linear na composição: *ponta + pé* → *pontapé*; *guarda + roupa* → *guarda-roupa*; *gira + sol* → *girassol*; *passa + tempo* → *passatempo*.
- b) Encadeamento linear na derivação: *in + feliz* → *infeliz*; *feliz + mente* → *felizmente*

Nesses processos há ideais concatenativos (BYE; SVENONIUS, 2012, p. 429-430) que se baseiam predominantemente na morfologia, numa concepção tradicional de morfema, que prevê as seguintes características:

- a. Precedência: são linearmente ordenados (i.e., não sobrepostos);
- b. Contiguidade: são contíguos (i.e., não descontínuos);
- c. Aditividade: são adicionados (i.e., não subtraídos);
- d. Preservação: um morfema é preservado quando demais morfemas são adicionados a ele;
- e. Autonomia segmental: o conteúdo segmental de um morfema é livre de contexto (i.e., morfemas não deveriam ter seu conteúdo segmental determinado por uma entrada lexical ou por outro morfema);
- f. Disjunção: estão dissociados um do outro (i.e., não há haploglogia).

A morfologia não concatenativa, por sua vez, repensa esses conceitos, porque não se pauta apenas na morfologia, mas também na fonologia. Por isso, também pode ser chamada de “morfologia prosódica”. Nessa perspectiva, o processo formativo se torna irregular e não linear, e o encadeamento é substituído pela supressão de material segmental (*motocicleta* → *moto*), pela repetição parcial ou total de sílabas ou palavras (*pega-pega*, *titio*), pela

sobreposição ou fusão de segmentos (aranha + anzol → *aranzol*), entre outros. A não concatenatividade morfológica se manifesta em vários processos marginais⁴ de criação lexical, como os seguintes:

- a) cruzamento vocabular: sobreposição de palavras.
carnaval + natal → *carnatal*
monstro + menstruada → *monstruada*
- b) truncação: redução de uma palavra, sem alteração de significado.
cerveja → *cerva*
flagrante → *flagra*
- c) siglação: formação a partir de letras iniciais de palavras.
Faculdade de Engenharia Civil → *FEC* [fɛ.kɪ]
Banco Brasileiro de Descontos → *Bradesco*
- d) reduplicação: repetição de sílabas ou palavras.
mata-mata, pega-pega, blá-blá-blá.

Para visualizar a diferença entre as morfologias concatenativa e não concatenativa, tomemos os exemplos da composição (linear) e do cruzamento vocabular (não linear). Na composição, ainda que haja perda de segmentos – como os processos fonético-fonológicos da crase (água + ardente > *aguardente*), elisão (plano + alto > *planalto*) e haplologia (dedo + duro + -ar > *dedurar*) –, preservam-se os morfemas das formas de base. Na figura 1, trazemos o caso de *girassol* para ilustrar o fenômeno:

4 Para mais pormenores, cf., por exemplo, Gonçalves (2016b).

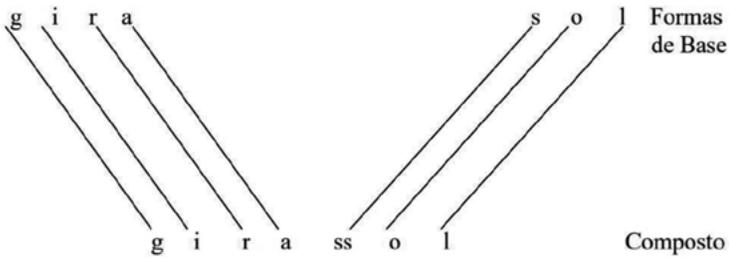


Figura 1. composição. Fonte: Martini (2010, p. 3)

No cruzamento vocabular, o encadeamento linear dá lugar à sobreposição, como vemos nos exemplos de *apartamento* e *namorido*:

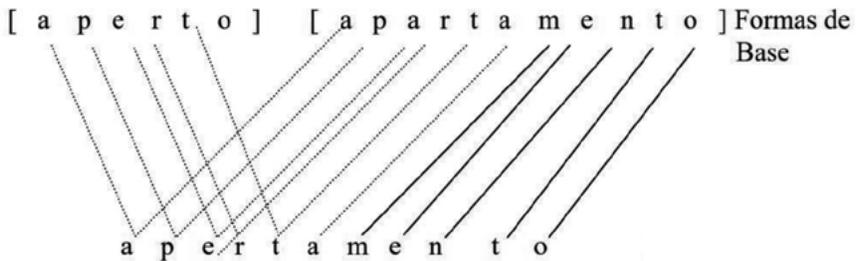


Figura 2. cruzamento vocabular. Fonte: Martini (2010, p. 3)

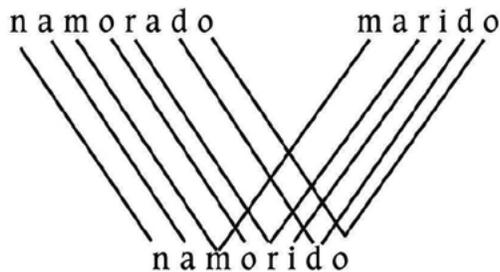


Figura 3. cruzamento vocabular. Fonte: Nóbrega (2015, p. 175)

Na composição e na derivação, afixos e radicais são dispostos sequencialmente, numa ordem linear dos constituintes; no cruzamento vocabular, os constituintes se sobrepõem, manifestando-se simultaneamente, e não sequencialmente, fazendo-se com que a correspondência entre base e produto aconteça de maneira vertical:

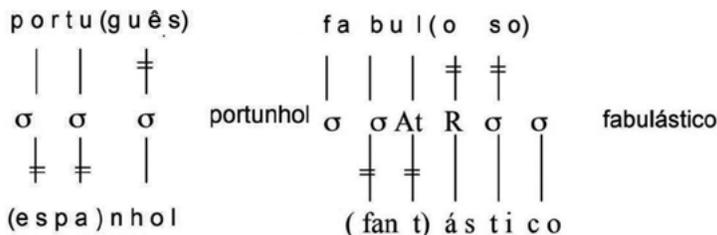


Figura 4. cruzamento vocabular. Fonte: Pereira (2016, p. 525-6)

Segundo Pereira (2016, p. 523-4), ainda que o cruzamento vocabular possa ser considerado um tipo de composição, são significativas as diferenças entre os dois processos de criação lexical:

- a) a composição permite a junção de mais do que duas bases, enquanto os produtos de cruzamento vocabular atestados resultam da junção de apenas duas bases;
- b) nos compostos, as bases são preenchidas por constituintes morfológicos (radicais ou palavras); no cruzamento vocabular, como o conteúdo segmental das bases não é integralmente preservado, não são reconhecíveis os constituintes morfológicos;
- c) a composição preserva a sequencialidade linear dos constituintes; no cruzamento vocabular há ruptura da sequencialidade linear por meio de sobreposição;
- d) na composição (morfofossintática) é preservada a estrutura prosódica de cada uma das bases, constituindo o composto um sintagma fonológico;

- o produto do cruzamento vocabular constitui uma única palavra fonológica, perdendo-se a estrutura prosódica dos seus componentes;
- e) a composição é regida por princípios morfológicos ou morfossintáticos; o cruzamento vocabular obedece a certas condições prosódicas, pelo que é um processo que se situa na interseção da morfologia com a fonologia/prosódia.

Feito esse preâmbulo sobre os processos tradicionais e marginais de formação de palavras (também chamada de lexemização⁵ ou criação lexical), vamos destacar três processos de formação de palavras pertencentes à morfologia não concatenativa: cruzamento vocabular, truncação e siglação.

2. Cruzamento vocabular

Quando discorremos sobre morfologia não concatenativa, diferenciando composição e cruzamento vocabular, já pudemos entendê-lo. Mas continuaremos a discussão a fim de esclarecer ainda mais o fenômeno. Antes disso, contudo, convém elencar as várias designações para o fenômeno, posto que há um verdadeiro rol de variantes denominativas relacionadas ao conceito: amálgama, amálgama de palavra, amálgama lexical, *blend*⁶, *blending*, *coinage*, combinação, contaminação, cruzamento, cruzamento de palavra, fusões vocabulares expressivas (FUVES), mescla lexical, mesclagem lexical, mistura, *mot-tiroir*⁷, *mot-valise*⁸, palavra-valise, palavra entrecruzada, palavra mesclada, palavra-síntese, *portmanteau*, entre outros.

5 Ato de criar um lexema (unidade lexical), de naturezas lexical ou gramatical.

6 Mistura (do ingl. *blend*)

7 Palavra-gaveta (do fr. *mot-tiroir*)

8 Tradução literal: palavra-maleta. Segundo Michaelis (2015, s.v. valise), valise (do fr. *valise*) é uma “maleta que se carrega na mão, com poucas peças de roupas e objetos pessoais, durante uma viagem.”.

Alguns autores (por exemplo, ANDRADE; RONDININI, 2016) discutem a relação entre cruzamento vocabular e composição, perguntando se cruzamento vocabular é um tipo peculiar de composição. É compreensível esse debate por conta do sentido do termo “compor”, isto é, formar. De fato, ele é formado de partes de outras palavras, denominadas “palavras-fonte” ou “palavras-matriz”. Semanticamente, portanto, não seria incoerente denominá-lo “composição”. Mas, nos estudos morfológicos, sim, pois o termo “composição” em Morfologia designa especificamente uma formação (ato de formar) em que o resultado preserva os radicais (morfemas lexicais) das palavras-fonte: “passatempo” (passar + tempo). Diferentemente do cruzamento vocabular, que não segue uma lógica morfológica, não respeita radical nem afixos ou desinências, sendo guiado apenas pela criatividade: “bestarel” (besta + bacharel), “sacolé” (saco + picolé).

O cruzamento vocabular é um processo de formação de palavras que consiste (substituindo o verbo “compor”) em sobrepor, amalgamar, fundir, misturar, mesclar ou cruzar partes de palavras numa só. O resultado, como diz Araújo (2000, p. 9), é aplicação de duas operações: (i) encurtamento das palavras-fonte, resultando em partes, e (ii) cruzamento delas. A forma *macarronese* é fruto de macarr(ão) e (mai)onese. Esses fragmentos de palavra que forma o cruzamento – (macarr) e (onese) – são chamados em morfologia *splinter* (do ingl. “lasca”, “estilhaço”), um elemento à parte, algo situado entre radicais e afixos, encontradiço em uma série de palavras sempre na mesma posição (à esquerda ou à direita): *macarronese*, *bacalhonese*, *ovonese* (GONÇALVES, 2016, p. 89). O *splinter* pode produzir um cruzamento vocabular ou uma recomposição, que deriva do truncamento: “Europa” (**eu**rodólar, **eu**rotúnel). Quando o *splinter* é de origem estrangeira, é chamado “xenoconstituente” (p. 87): ciber- (cibercrime, cibercafé, cibercultura), -tube (pornôTube, brasileiroTube, UFFTube), e- (e-vendas, e-professor, e-comunidade).

Valendo-se do termo *blend*, Minussi e Nóbrega (2014, p. 176) estabelecem três tipos de cruzamento vocabular: fonológico, morfológico e semântico:

- a) fonológico: quando há similaridades fonológicas entre os dois elementos constituintes, e esses elementos são formados por duas raízes, parte dos segmentos das palavras-fonte são sobrepostos ou apagados, resultando num cruzamento vocabular fonológico.

Exemplos:

matel: ma(to) + (mo)tel

apartamento: (aparta)mento + aperta(do)

roubodízio: roubo + (ro)dízio

namorido: namo(rado) + (ma)rido

- b) morfológico: truncamento ou redução de uma ou de ambas as palavras-fonte. Exemplos:

cariúcho: cari(oca) + (ga)úcho

portunhol: portu(guês) + (espa)nhol

- c) semântico: reanálise semântica de parte das palavras-fonte, substituindo segmento reanalisado por segmentos equivalentes ao de outra raiz com traços enciclopédicos opostos. Exemplos:

boadrasta: (ma)drasta

bebemorar: (come)morar

boacumba: (má)cumba

Notamos que a motivação para o cruzamento, muito vezes criativo, é o efeito risível (humor, ironia, sátira), apreendido discursivamente. A lógica de formação não é regular, morfológica; é marginal, destrutiva, não importando a perda de partes de uma ou das duas palavras-fonte.

3. Truncação

A truncação é a redução sofrida pela palavra com eliminação de segmentos ou sílabas, sem perda do valor semântico: *moto* (motocicleta), *cine* (cinema ou cinematografia), *pornô* (pornografia), *apê* (apartamento), *auto*

(automóvel), *cerva* (cerveja), *odonto* (odontologia), *facu* (faculdade), *Sampa* (São Paulo), *portuga* (português), *eletro* (eletrocardiograma), *Fla* (Flamengo), *Expô* (exposição). A truncação pode ser também contextual: “Elias falou rápida e emotivamente”. Também recebe outros nomes: abreviação vocabular, *clipping*, derivação truncada, truncamento, redução, encurtamento, braquissomia, braquilogia, braquigrafia.

Como observa Araújo (2002, p. 65), a forma plena e a forma reduzida “[...] devem ser semântica e pragmaticamente intercambiáveis, ou seja, uma forma pode ser substituída pela outra sem que haja perda de sentido”.

A redução na palavra nem sempre segue um princípio morfológico, como em *apê* (apartamento) e *cerva* (cerveja). Por conta disso, pautando-se também na prosódia, a truncação é considerada um processo “marginal” de formação de palavras.

Araújo (2002, p. 64-73) mostra que a tendência geral é a truncação de palavras com no mínimo três sílabas redundando em formas dissilábicas com sílaba final aberta e com acento na penúltima (*cerveja* → *cerva*; *flagrante* → *flagra*) ou na última sílaba (*bijuteria* → *biju*; *refrigerante* → *refri*). Menos comuns são as abreviações monossilábicas (*Flamengo* → *Fla*) e trissilábicas (*responsabilidade* → *responsa*; *delegado* → *delega*; *português* → *portuga*). Na monossilábica, a truncação se aproxima da hipocorização⁹. Mas é diferente dela porque a hipocorização encurta apenas antropônimos (*Juliana* > *Ju*), ao passo que a truncação abrevia qualquer palavra.

Martini (2010, p. 210-2) propõe a sistematização do fenômeno da truncação por meio de cinco padrões fundamentais:

- a) preservação apenas da sílaba mais à esquerda da forma de base: *bi* (bilhão), *Fla* (Flamengo), *Flu* (Fluminense);

9 Processo morfológico que forma hipocorístico, que consiste na alteração de antropônimos (prenome e sobrenome) com propósito afetivo. Exemplos: *Felipe* > *Lipe* ou *Lipinho*, *Isabel* > *Bebel*, *Roberto* > *Robertão*, *Paulo César* > *PC*.

- b) preservação do pé métrico principal da forma de base; o corte ocorre à esquerda da forma de base: *mor* (amor), *Mengo* (Flamengo), *Nense* (Fluminense);
- c) cópia integral das duas primeiras sílabas da palavra-matriz e acento paroxítono: *Bota* (Botafogo), *palha* (palhaço), *bisa* (bisavó), *café* (caféjeste), *carne* (carneval);
- d) cópia integral das duas primeiras sílabas da palavra-matriz e acento oxítono: *belê* (beleza), *expô* (exposição), *motô* (motorista), *cupu* (cupuaçu), *refri* (refrigerante), *dirê* (diretora), *preju* (prejuízo);
- e) preservação de parte da palavra-matriz e acréscimo por sufixação de uma vogal *o/a* ou uma sílaba: *sarja* (sargento), *sanduba* (sanduíche), *trava* (travesti), *motoca* (motoqueiro), *vagaba* (vagabunda), *loto* (loteria), *boteco* (botequim), *reaça* (reacionário).

Para Duarte (2008, p. 112), a truncação está relacionada com o fenômeno da substantivação (ou conversão substantival), pois as unidades abreviadas podem, assim como os substantivos, ter flexão (*as teles, as múltis*) e dar origem a derivados (Floripa > floripeiros).

Além da substantivação, a truncação pode provocar a recomposição, formando, a partir da redução (televisão > tele), novas palavras: *telecurso* (tele + curso). Se a composição é a junção de radicais ou palavras, a recomposição é a junção de forma abreviada com palavras plenas. É, pois, o inverso da abreviação, sendo o resultado de duas operações¹⁰: (i) abreviação: *televisão* > *tele*; (ii) expansão: retorno à forma extensa, juntando-se com outra palavra: *tele* + *curso* > *telecurso*. Outros exemplos:

10 Duarte (2008, p. 108-9, grifo do autor) opõe dois processos: decomposição e recomposição: “Formas como *auto* e *foto*, em *autopista* e *fotolegenda*, são tratadas sob o nome de *recomposição*, que consta de dois estádios: a *decomposição*, pela qual uma forma vale por todo o vocábulo (ex.: *foto* em lugar de *fotografia*) e a *recomposição*, que implica a adição da forma decomposta a um lexema (ex.: *fotolegenda* e *fotonovela*)”.

- (i) (abreviação) fotografia > foto → (expansão) foto + novela > fotonovela
- (ii) homossexual > homo → (ii) homo + fobia > homofobia
- (iii) Europa > euro → (ii) euro + dólar > eurodólar

Nessa ligação por subparte, em que o formativo abreviado constitui uma porção independente e ressignificada da construção de que se origina, “compacta o significado do todo e leva essa acepção ‘zipada’ para novas formações” (GONÇALVES; ALMEIDA, 2014, p. 180), conforme é possível observar na figura abaixo:

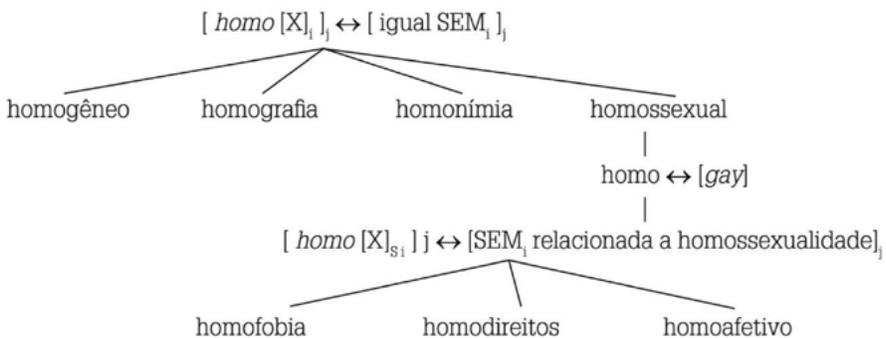


Figura 5. recomposição com *homo-*. Fonte: Gonçalves e Almeida (2014 p. 181)

Pelo exemplo acima, podemos ver que a raiz *homo-*, cujo sentido etimológico é “igual, semelhante”, como em *homonímia* e *homófono*, não é a mesma em *homofobia* e *homoafetivo*, pois nestes casos *homo-* equivale a (ou está por) *homossexual*, constituindo uma parte desse termo (*homo-* = *homossexual*). O mesmo ocorre com *tele-* (longe, ao longe, de longe), ressemantizado nas novas formações. Em *telecurso*, por exemplo, *tele-* equivale a “televisão”; em *televendas*, *tele-*, a “telefone”. Vejamos outros exemplos:

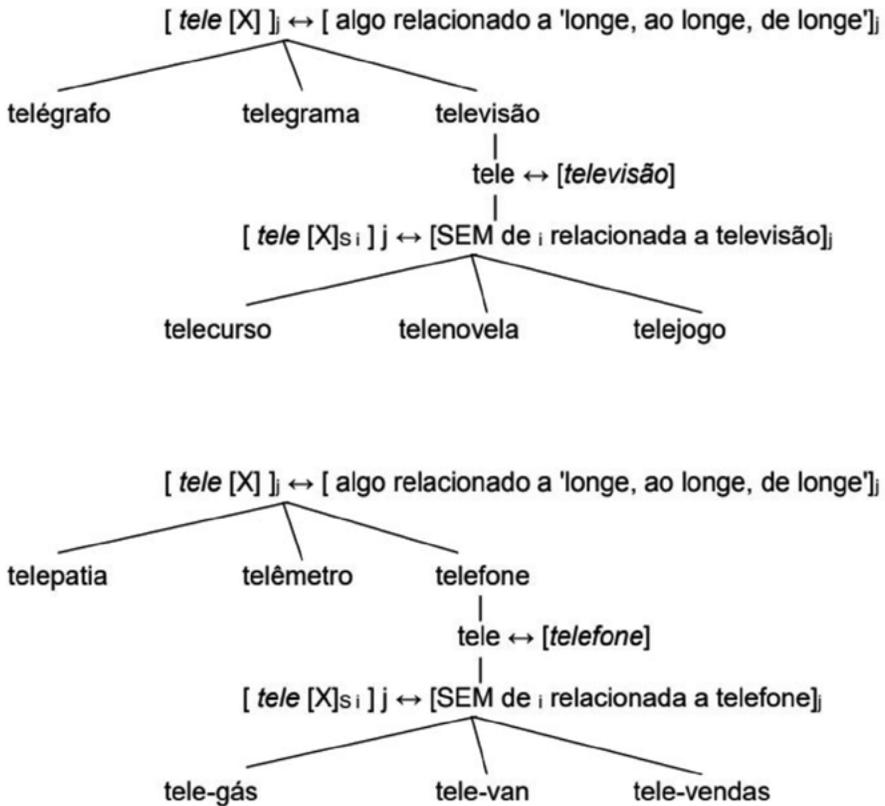


Figura 6. recomposição com *tele-*. Fonte: Pires (2018 p. 95)

Esses elementos neoclássicos ressemantizados que participam do processo de recomposição são chamados na literatura morfológica de “afixoides” (ou pseudoafixos)¹¹.

11 Segundo Gonçalves (2016a, p. 65), o termo “afixoide” pode apresentar três diferentes acepções: 1. forma truncada que remete à palavra original (bio- e agro-); 2. elemento que aparece em formações únicas - os *hápax* (-ebre em “casebre”); 3. elemento ressemantizado coexistente com outra palavra (contra- ou contra-ataque, mania de chocolate ou chocomania).

4. Siglação

A siglação reduz o nome sintagmático de uma organização ou instituição a um conjunto de letras ou sílabas iniciais, criando a sigla: ONU (Organização das Nações Unidas), Cosipa (Companhia Siderúrgica Paulista). Segundo Mesquita (2014, p. 181), a “[...] criação da sigla revela a necessidade de economia e agilidade da vida moderna”.

Abundam designações tanto para o processo quanto para o produto. Para denominar o processo, há vários nomes: siglagem, derivação siglada, acrografia, acronímia, acrossemia, braquigrafia. Para denominar o produto da siglação: sigla, siglema, acrônimo, acrossilabo, acrógrafo, acrograma, braquigrama, bigla, trigla, monograma, siglônimo, alfabetismo.

Para vários autores¹², a distinção entre sigla e acrônimo reside na forma como são pronunciadas as unidades reduzidas: sigla (*GNR* - Guarda Nacional Republicana; *ABNT* - Associação Brasileira de Normas Técnicas) tem pronúncia alfabética; acrônimo, pronúncia silábica, como se pronuncia uma palavra (*Unesp*, *USP*, *Ufir*). Para Gonçalves (2016a, p. 73), sigla é a combinação de letras que possibilita a pronúncia como uma palavra comum, seguindo os padrões fonotáticos: *UPA* (Unidade de Pronto Atendimento); e alfabetismo, as siglas produzidas de forma soleturada: *UPP* (Unidade de Polícia Pacificadora).

A sigla pode ser estrangeira (*CD*, *DJ*, *MP3*) ou vernácula (*SAC*, *USP*). Sendo unidade lexical, permite derivação e flexão: *unespiano* (UNESP), *radares* (RADAR), *petista* (PT).

A ironia está também presente na chamada sigla reversa (GONÇALVES, 2016a, p. 74), quando, a partir de uma sigla já existente, há uma reinterpretação risível: *MMA* (de “Mixed Martial Arts¹³” para “Monte de Machos se Agarrando”), *FIAT* (de “Fábrica Italiana Automobilística de

12 Rodrigues (2016, p. 126), Araújo (2015, p. 141), Santiago (2007, p. 74), Hartmann e James (2001, s.v. *abbreviation*).

13 Em português, Artes Marciais Mistas.

Turim” para “Fui Inganado, Agora é Tarde”), *SUS* (de “Sistema único de Saúde” para “Sistema Único de Sacanagem”).

Considerações finais

Nos processos de formação de palavras, o léxico se expande pela morfologia concatenativa e pela não concatenativa. Neste texto, nossa proposta foi mostrar a diferença entre esses dois processos: um baseado nos princípios morfológicos (morfologia concatenativa), e o outro, nos princípios prosódicos (morfologia não concatenativa).

Entender esses processos morfofonológicos, ilustrados aqui pelo cruzamento vocabular, pela truncação e pela siglação, nos leva a repensar o conceito tradicional de morfema, normalmente definido como a menor unidade linguística portadora de significação. Em virtude do dinamismo existente entre os níveis da linguagem, como pudemos perceber ao longo deste texto, há elementos que não se enquadram nas condições de morfema, sendo destituídos de sentido, não recorrentes e de difícil identificação na estrutura da palavra. No cruzamento *portunhol* (português + espanhol), por exemplo, *nhol* não tem sentido lexical e não é um constituinte recorrente em outras formações, sendo usado apenas nesse cruzamento.

Por isso, chegamos à conclusão de que qualquer elemento que participa da e na construção da palavra pode constituir um morfema.

Referências

ANDRADE, Katia Emmerick; RONDININI, Roberto Botelho. Cruzamento vocabular: um subtipo da composição? **Delta** (Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada), 32.4, p. 861-887, 2016.

ARAÚJO, Gabriel Antunes. Morfologia não-concatenativa em português: os portmanteaux. **Caderno Estudos Linguísticos**, n. 39, p. 5-21, 2000.

_____. Truncamento e reduplicação no Português Brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 61-90, 2002.

ARAÚJO, Mariângela de. Composição sintagmática, por siglas e acrônimos. In: RODRIGUES, Ângela; ALVES, Ieda Maria. **A construção morfológica da palavra**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 123-142.

BORBA, Francisco da Silva. **Organização de dicionários**: uma introdução à lexicografia. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BYE, Patrik; SVENONIUS, Peter. Non-concatenative morphology as epiphenomenon. In: TROMMER, J. (ed.). **The Morphology and Phonology of Exponence**. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 427-495.

DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira. Fronteiras lexicais: sugestão para uma delimitação dos prefixóides em português. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, ano 14, n. 42, p. 101-117, set./dez. 2008.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português. **Gragoatá**, Niterói, n. 21, p. 219-241, 2. sem. 2006.

_____. **Atuais tendências em formação de palavras**. São Paulo: Contexto, 2016a.

_____. **Processos 'Marginais' de formação de palavras**. Campinas: Pontes, 2016b.

_____. **Morfologia**. São Paulo: Parábola, 2019.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio; ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de. Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. **Alfa**, São Paulo, 58 (1), p. 165-193, 2014.

HARTMANN, R. R. K.; JAMES, Gregory. **Dictionary of Lexicography**. London/New York: Routledge, 2001.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa** [DEHLP]. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MARTINI, Lirian Daniela. **Morfologia prosódica do português brasileiro**. 2010. 263 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

MESQUITA, Roberto Melo. **Gramática da língua portuguesa**. 11. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

MICHAELIS. **Dicionário brasileiro da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2015a. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/modernoportugues/>

MINUSSI, Rafael Dias; NÓBREGA, Vitor Augusto. A interface sintaxe-pragmática na formação de palavras: avaliando os pontos de acesso da Enciclopédia na arquitetura da gramática. **Veredas** (UFJF), v.18, n. 1, p. 161-184, 2014.

NÓBREGA, Vitor Augusto; MINUSSI, Rafael Dias. O tratamento da morfologia não concatenativa pela morfologia distribuída: o caso dos *blends* fonológicos. **Revista Letras**, Curitiba, n. 91 p. 158-177, jan./jun. 2015.

PEREIRA, M. Isabel. P. Processos de construção não concatenativa. In: RIO-TORTO, Graça et al. **Gramática derivacional do português**. 2. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. p. 521-553.

PIRES, José Augusto de Oliveira. **Uma abordagem construcional dos *splinters* não nativos no português do Brasil**. 2018. 188 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

RIO-TORTO, Graça. Mecanismos de produção lexical no português europeu. **Alfa**, 42 (n.º especial), p. 15-32, 1998.

RODRIGUES, Alexandra Soares. Noções basilares sobre a morfologia e o léxico. In: RIO-TORTO, Graça et al. **Gramática derivacional do português**. 2. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. p. 35-133.

SANTIAGO, Márcio Sales. **Redes de palavras-chave para artigos de divulgação científica da medicina: uma proposta à luz da Terminologia**. 2007. 151 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2007.